

A FORMAÇÃO DO *HABITUS* CIENTÍFICO NOS GRUPOS DE PESQUISA EM POLÍTICA EDUCACIONAL¹

Isadora Nogueira de Oliveira²

Universidade Estadual de Santa Cruz UESC

Email: inoliveira.pdg@uesc.br

Isac Pimentel Guimarães

Universidade Estadual de Santa Cruz UESC/DCIE

Email: ipguimaraes@uesc.br

INTRODUÇÃO

O campo acadêmico tem vivenciado transformações significativas ao longo do tempo, impulsionadas pelas crescentes demandas por conhecimento científico e especialização. Nesse contexto, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) incentivou os Programas de Pós-graduação a estabelecerem linhas e grupos de pesquisa para melhorar a qualidade da formação acadêmica.

De acordo com Gamboa (2011), a formação de grupos de pesquisa é um mecanismo fundamental para superar os desafios enfrentados pela pós-graduação. Além disso, segundo Matos e Reis (2019, p.126) os grupos de pesquisa “[...] são fundamentais para a formação do pesquisador iniciante, para consolidação do processo de formação de mestres e doutores, pois permite o aprofundamento das discussões teóricas sobre diversas temáticas, bem como a prática da pesquisa” e desempenham papel importante na formação de pesquisadores e na manutenção de sua relevância nas áreas de estudo.

Assim, considerando que os grupos de pesquisa foram criados com o objetivo de formar pesquisadores, surge a seguinte pergunta: como os grupos de pesquisa, enquanto lócus de disputa pela autoridade científica, se tornam espaços de construção do *habitus* científico? Este estudo visa responder a essa pergunta, analisando os grupos de estudo e pesquisa como ambientes de construção do *habitus* científico.

¹ Agradecemos a Prof.^a Dr.^a Emília Peixoto Vieira, da Universidade Estadual de Santa Cruz, pela participação, contribuição e coautoria neste trabalho.

² A presente pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), por meio da concessão da bolsa de Iniciação Científica.

Para alcançar esse objetivo, pretendemos mapear os grupos de estudo e pesquisa em Política Educacional do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação do Estado da Bahia. Além disso, buscaremos compreender como esses grupos se organizam para desenvolver as disposições para a constituição do *habitus* científico do pesquisador.

Como integrantes do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas e Gestão Educacional (PPeGE), sentimos necessidade de conhecer e entender como as dinâmicas internas desses grupos possibilitam a incorporação de disposições científicas em indivíduos com formações e posições distintas, como orientadores e orientandos, doutores e estudantes.

Esta pesquisa torna-se relevante ao considerarmos a necessidade de aprimorar a formação de pesquisadores e a qualidade das produções científicas. Ao investigar como os grupos de estudo e pesquisa desenvolvem o *habitus* científico, ela oferece uma visão sobre o desenvolvimento intelectual dos estudantes e sua consolidação como futuros pesquisadores. Revela como as dinâmicas internas e interações colaborativas não apenas promovem o crescimento acadêmico, mas também preparam os estudantes para contribuir com a comunidade científica.

A CONSTRUÇÃO DO HABITUS

Esta pesquisa, ainda em andamento, busca explorar o *habitus* científico desenvolvido nos Grupos de Estudo e Pesquisa em Política Educacional da Bahia. Nos baseamos no arcabouço teórico do sociólogo Pierre Bourdieu, cujas discussões sobre as dinâmicas sociais são relevantes para a análise proposta. Vamos relacionar os conceitos de campo, *habitus* e capitais com a estrutura organizacional desses grupos de pesquisa.

Em sua discussão sobre o campo acadêmico e suas interações sociais, Bourdieu (2004) defende que existem diversos campos que compõem o mundo social, cada um com suas próprias leis, interesses e recursos. Para que agentes e instituições possam produzir ou reproduzir conhecimento de forma autônoma, eles devem competir pelos capitais para se estabelecer uma posição de relevância nesse campo.

Portanto, para se adequar ao campo, é preciso compreender como o jogo funciona, quais ações, percepções e pensamentos dos indivíduos nesse contexto (Bourdieu, 2004). Essa compreensão pode ser denominada de *habitus*, que segundo Mainardes (2021, p. 4) “representa o produto da internalização individual ou coletiva das condições históricas

realizadas ao longo da trajetória pessoal e social”. Isso significa que a partir das vivências e interações em sociedade os agentes incorporam essas disposições.

A CAPITALIZAÇÃO PRESENTE NOS GRUPOS DE PESQUISA

Quando falamos sobre capitalização no contexto da teoria de Pierre Bourdieu, nos referimos ao processo de acumulação e conversão dos diferentes tipos de capital para aumentar a posição social e o poder de um indivíduo ou grupo na sociedade. O autor delimitou quatro principais tipos de capitais: econômico, cultural, social e simbólico.

O primeiro capital refere-se aos recursos financeiros e bens materiais que uma pessoa ou grupo possui, o segundo envolve o conhecimento, as habilidades, a educação e outras qualificações que uma pessoa possui. O capital social refere-se aos recursos que uma pessoa ou grupo pode acessar através das suas redes de relações sociais. Por último, o capital simbólico representa o prestígio, o reconhecimento e a honra que uma pessoa ou grupo recebe na sociedade.

Estar em um grupo de estudo e pesquisa, requer participação das discussões e debates, desenvolvimento de projetos de pesquisa, apresentação e escrita de trabalhos científicos, para que os agentes acadêmicos possam desenvolver habilidades de pesquisa. Todas essas atividades contribuem para que se adquira as competências científicas, e conseqüentemente o capital cultural, político e científico, necessários para dominação simbólica dos espaços de poder. Ao receber financiamento para desenvolver projetos, bolsas de estudo, laboratórios, materiais e viagens, este recurso pode ser investido para a melhoria na formação acadêmica dos pesquisadores.

De acordo com Matos e Reis (2019), os pesquisadores podem interagir com outros pesquisadores de diferentes níveis (ensino médio, graduação, mestrado, doutorado), compartilhando conhecimentos e experiências. Além disso, Matos, Reis e Costa (2020, p. 7) argumentam que os grupos de pesquisa são importantes espaços para o desenvolvimento e consolidação de pesquisadores pois

[...] o pertencimento a um grupo ou rede de relações duráveis contribui para a acumulação de capital social, uma vez que as relações que se estabelecem nos coletivos de pesquisadores ampliam as formas de apropriação de objetos de estudo, áreas temáticas, métodos de pesquisa, etc. Nesse sentido, a institucionalização da pesquisa em redes de colaboração contribui para o desenvolvimento do conhecimento científico.

Dessa forma, adentrar a um grupo contribui nas conexões sociais estabelecidas, permitindo que os pesquisadores se apropriem de uma gama maior de recursos intelectuais e metodológicos. Mas para além disso, a participação em grupos consolidados, com boa reputação e prestígio pode elevar seu *status* acadêmico, profissional e a ampliação do seu capital científico, social e simbólico (Mainardes, 2022).

CONSIDERAÇÕES

No decorrer deste trabalho discutimos sobre os grupos de pesquisa enquanto ambientes de desenvolvimento do *habitus* científico, tendo em vista que é constituído a partir da obtenção dos capitais, articulando-se como os diferentes tipos de capitais construídos no campo acadêmico e científico.

Para responder à pergunta inicial desta pesquisa: como os grupos de pesquisa, enquanto lócus de disputa pela autoridade científica, se tornam espaços de construção do *habitus* científico? Afirmamos que a troca de ideias e a colaboração entre pesquisadores promovem a inovação e o avanço científico, consolidando o *habitus* científico e preparando os pesquisadores para contribuir de maneira significativa com a comunidade científica.

Portanto, os grupos de pesquisa se tornam espaços de construção do *habitus* científico ao oferecer um ambiente de interação, desenvolvimento de competências, acesso a recursos e redes de contato, orientação e mentoria, participação em projetos e publicações. Esses elementos combinados contribuem para a formação inicial e continuada dos pesquisadores, abrangendo todas as dimensões que constituem um pesquisador: pessoal, social, intelectual e profissional.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: Crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

GAMBOA, Silvio Sánchez. Grupos de pesquisa: limites e possibilidades na construção de novas condições para a produção do conhecimento. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 36, p. 268–290, 2011. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/21758042.2011v23n36p268>. Acesso em: 05 jan. 2025.

MAINARDES, Jefferson. Panorama dos grupos de pesquisa de Política Educacional no Brasil. **Jornal Políticas Educacionais**, Curitiba, v. 15, 2021. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198119692021000100131&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 5 jan. 2025.

MAINARDES, Jefferson. Grupos de pesquisa em educação como objeto de estudo. **Cadernos de Pesquisa**, v. 52, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/6cNpjBBjGGcLcQSzMwK56jg/>>. Acesso em: 10 fev. 2025.

MATOS, Cleide Carvalho de; REIS, Manuelle Espíndola dos. Grupos de pesquisa de política educacional na região Norte: espaços mobilizadores de formação de pesquisadores. **Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v.16, n. 46, p. 111-130, 2019. Disponível em: Acesso em: 04 jan. 2025.

MATOS, C. C. de; Reis, M. E. dos; COSTA, W. L. da. Grupos de pesquisa sobre política educacional e as redes de pesquisas construídas por meio da produção científica em coautoria. **Revista de Estudios Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa**, [S. l.], v. 5, p. 1–13, 2019. DOI: 10.5212/retepe.v.5.14553.002. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/retepe/article/view/14553>. Acesso em: 10 fev. 2025.